

## A crise e o horário de trabalho

Por todo o lado se ouve dizer: a crise de trabalho é assustadora. Há que adoptar medidas que evitem a corrente emigratória que ultimamente atingiu uma intensidade digna de registo, a fim de se avaliar do desprazer a que são votados em Portugal a organização do trabalho e a situação das várias indústrias existentes e nomeadamente da agricultura. Se o não fizerem, exclamam: mal irá o futuro e a decadência da sociedade será um facto incontestável e de tremendas consequências para todos. Soluções rápidas, todos as pedem, mas ninguém tem a coragem de indicar as que poderiam produzir salutares efeitos no atenuamento desse fenômeno, pois que a sua extinção só será possível por processos radicais de transformações profundas nos regimes políticos vigentes.

A tecla de que o nosso país é ferilíssimo continua a ser tocada pela milésima vez na imprensa, que faz comparações interessantes sobre a densidade do nosso território em relação a outros países mais pequenos, tirando deduções que comprometem ainda mais as chamadas forças económicas, pois que, apregoadas a riqueza do país aos quatro ventos, se desperdiça criminosamente o terreno que, devidamente preparado, a produziria.

Que o país tem muito que explorar. Que o solo é riquíssimo e o sub-solo também. Mas a sua inicultura é enorme e daí a pobreza em vez de ouro, como essa imprensa diz que poderia existir.

E ante a temosia dos grandes senhores da terra em conservá-la improdutiva não se insinua, pelo menos, a sua expropriação por necessidade colectiva.

O trigo continua a ser importado em grandes porções e a irrigação do Alentejo é questão sedica e que já não interessa a ninguém...

E sabem os leitores como se deve resolver o problema segundo a opinião de alguns órgãos de informação? Aumentando as horas de trabalho!

Quere dizer: provocar maior crise ainda, atirar para o estrangeiro com mais braços e diminuir os salários pela concorrência cada vez maior que entre os produtores se viria a dar.

Os trabalhadores, porém, conhecem os prejuízos que advém desse regime de trabalho e repudiam-no em absoluto, e se algum menos consciente o aceita come um grande erro cujas consequências se fazem sentir na sua própria existência económica e moral.

Mas estes economistas baratos, que têm interesse em não tratar do assunto desassombroadamente, não se dão ao trabalho de analisar que, recusando-se trabalho a milhares, como se deve ainda elevar as horas aos que estão trabalhando e que também vivem em condições precárias?

O que é preciso fazer é exactamente o contrário: diminuir o horário a seis horas, para que mais facilmente sejam colocados os que foram atirados à margem e morrem à miséria. E a produção neste caso aumenta, ao contrário do que se afirma, pois eleva-se o número dos produtores.

O que é indispensável é expor essas extensões enormes de terrenos, onde se perde a vista, e proporcionar a quem queira cultivá-los os elementos indispensáveis a esse fim.

O que seria mister se fizesse, quanto às restantes indústrias, não se compadece com teorias de governação burguesa e conquanto se possa atenuar tal crise, pela acção constante da organização operária, tendo por objectivo o horário de seis horas, o seu desaparecimento só se observará quando essa acção for levada ao ponto culminante.

Sendo a crise de trabalho questão que atinge todos os países e produto do sistema de produção capitalista, só inutilizando este se poderá anular aquela.

Tudo o mais são cantos para adormecer os que facilmente se sujeitam com as palavras: produzir, produzir!...

A sombra pacifista...

ATENAS, 27. - Anuncia-se a visita de três cruzadores americanos às águas do Pireu no próximo mês de Fevereiro, e de outros dois durante o de Março. - (L)

# A BATALHA

Director: MARIO CASTELHANO  
Editor: SILVINO NORONHA  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 2850; África Portuguesa, 6 meses 6000; Estrangeiro, 6 meses 10250  
PAGAMENTO ADIANTADO

AVENÇADO

SEXTO FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 1927

### INQUILINOS, ALERTA!

Vai ser modificada a lei do inquilinato em condições que agradam aos senhorios

Volta a falar-se na modificação da lei do inquilinato. É motivo para aqueles que não são senhorios se põem em guarda, organizando a defesa metódica consciente.

Há dias uma comissão de proprietários urbanos entregou ao ministro da Justiça uma representação choramingando a reforma da lei do inquilinato por dizer os proprietários, as actuais rendas de casas não lhes permitem viver. O dr. Manuel Rodrigues prometeu que em breve seriam atendidas quanto possível as reclamações dos proprietários, quanto a reforma do sistema tributário e que oportunamente apresentaria a reforma da lei do inquilinato, cujo estudo está fazendo.

Os senhorios, dizem os jornais, saíram bastante confiantes, pois esperam que o ministro da Justiça defira o seu pedido.

Vai, pois, ser reformada a lei. Em que condições? Salvaguardando os interesses dos inquilinos ou atendendo apenas os desejos dos senhorios? Melhorando a situação dos hóspedes ou agravando ainda mais o complicado problema?

Não o sabemos. As declarações do dr. Manuel Rodrigues são muito vagas. E se alguma coisa nos deram a perceber é que os proprietários urbanos ficaram satisfeitos. Ora se estes ficaram contentes é porque os inquilinos lhes vão dar a pele.

O problema do inquilinato é dos mais complexos. Uma modificação à lei sem se ferir os interesses dos inquilinos não pode ser feita de ânimo leve e dentro das aspirações dos senhorios.

As condições em que se vive na capital são degradantes. Há casas com três divisões transformadas em depósitos humanos onde se albergam dezenas e mais pessoas. No mesmo quarto vivem crianças, adolescentes e velhos, confundidos na mais revoltante promiscuidade.

E porque não se descongestionam essas habitações? Porque a miséria da população e a carência de casas obriga os não endinheirados a aceitar aquelas tristes condições.

Mercê da crise de trabalho e da carestia da vida, numa palavra, da falta de capacidade monetária, as classes menos abastadas não podem alugar uma casa com uma renda mensal de cincos ou trezentos escudos. Depois, mesmo que os seus senhorios com sacrifício permitissem esse luxo, essas pessoas não teriam dez ou vinte contos para dar pelo trespasse duma casa.

Ainda não há muitos dias que a uma pessoa das nossas relações foi pedido por uma casa de quatro divisões, numa das ruas do Bairro Alto, cuja renda era de 300\$00, quinze contos de trespasso!

O trespasso é um grande negócio, ou por outras palavras, a maior das roubalheiras.

Quanto às rendas das casas, apenas algumas daquelas que ainda são habitadas pelos antigos inquilinos é que a renda foi aumentada oito vezes como prescreve a lei.

As outras sofreram um aumento muito maior, como facilmente se poderá provar.

As lamúrias dos senhorios não têm razão de ser. Na devida altura se demonstrou que o coeficiente aplicado às rendas de casas era suficiente para vencer os encargos dos senhorios. Ora não nos parece que a situação se tenha modificado em seu desfavor.

Mas a principal modificação que convém aos proprietários urbanos não é a das taxas das rendas. E' aquela há muito tempo defendida: poderem expulsar das habitações o prego das rendas. Com a faculdade de despedirem os seus inquilinos em qualquer altura, os senhorios podem elevar a renda até ao máximo.

Ora é isto que não convém aos inquilinos, porque nunca terão garantida a habitação mesmo que possuíssem rios de dinheiro que a gula senhorial ambiciona.

A situação dos hóspedes, que é pior do que os inquilinos, não melhorará, temos a certeza.

Os hóspedes continuarão a suportar as exigências dos inquilinos e o peso da lei. A sua existência ficará dependente do arbitrio do primeiro e da tirania do segundo.

Inquilinos e hóspedes devem estar a postos acompanhando todos os movimentos dos proprietários urbanos. E olham que quando eles sorriem como agora, é porque os ventos lhes correm favoráveis.

Serão todos os camadas que a administração do nosso jornal se encontra aberta, todos os dias úteis, até às 23 horas.

### Uma questão insolúvel

Em torno de Tanger

PARIS, 27. - Referindo-se à questão de Tanger, o "Times" escreve que é difícil de sustentar a tese de que Tanger deve ser incorporado na zona espanhola, acrescentando que, se geograficamente semelhante pretensão pode parecer razoável, o mesmo não acontece sob o ponto de vista político, atendendo a que vários tratados e principios políticos estão em jôgo. A questão de Tanger, vista sob o ponto de vista inglês, merece ser notada, visto o "Times" se ter especializado na questão marroquina, por ele seguida de perto há mais de vinte anos.

Tribus insubmissas em Marrocos...

MADRIS, 27. - O comunicado oficial de Marrocos diz que se observa grande actividade nas tribus insubmissas da zona ocidental, sem graves consequências até agora.

## A MAIOR INDUSTRIA PORTUGUESA É A DE FALSIFICAÇÃO

A manteiga de margarina. — O leite com água. — A carne podre. — O azeite, óleo de máquinas. — O pão de "lixo". — O açúcar imundo.

As casas que desabam

Foram apreendidos em Gandra cerca de quinze mil quilos de manteiga feita com margarina que estava em latas de fôlha de Flandres rotulada litográficamente com estes desenhados dizeres:

Manteiga finíssima de Angra — Açores — Ilha Terceira — A manteiga para ser finíssima tem de ter as percentagens de água e sal e ao abrigo do decreto n.º 12.508.

Cautela com os falsificadores!

Cautela com os falsificadores — que eram eles próprios. Cremos que o Tartufo engendrado por Moreli nunca foi tão longe na sua audácia, na sua dissimulação e na sua hipocrisia.

Gandra, devido a esta indústria que não era de manteiga mas de falsificação de manteiga, estava normalmente em pé de guerra. Os falsificadores tinham muitas dezenas de pessoas compradas, escalonadas por diversas povoações, numa área bastante extensa para os advertem de qualquer eventual medida das autoridades.

Para que elas fôssem colhidas de surpresa, de maneira a poder-lhes ser apreendida a manteiga que com margarina fabricavam, foram tomadas as mais rigorosas precauções que atingiram até os próprios serviços de correios. Teve de se mobilizar tropa em Viseu sem lhe dizer a razão dessa medida, o que afeiou a febre tifoide, contém microrganismos que provocam outras doenças. O açúcar em vez de ser derretido e filtrado é triturado em rama com tóda a espécie de impurezas como dejetos humanos, ratos mortos, cacos de garrafas.

O pão — não vale a pena falar. Acentuamos que o poder de falsificação da Moagem é tão grande que atinge a política e a própria imprensa (vide Diário de Notícias).

A carne de que alguns talhos se fornecem é abatida nos matadouros clandestinos que fornecem gado que por ordem sanitária se costuma mandar para o guano! Vendem-se em Lisboa, normalmente, carne proveniente de animais atacados de tuberculose e de outras doenças infecciosas. E o bacalhau que se vende em mau estado? E o peixe que chega a aparecer podre nos próprios mercados? E o azeite falsificado com óleos industriais destinados à lubrificação de máquinas? E o café com mistura de grão, tremoço e castanha pilada podre? E o calçado com solas de papelão? E as casas que desabam matando os moradores durante o sono? E... o leitor achará ainda necessário acrescentar mais alguma coisa à lista para que adquira a convicção sólida de que a falsificação é a maior indústria portuguesa?

A gente observa tudo isto e lembra-se, por analogia, dos corpos feitos, em plena idade média, às práticas fortes dos países em guerra. Sabe-se de antemão que Gandra não tem fortificações, que não tem gente armada a defendê-la e que os manteigueiros não possuem nas suas fábricas um arsenal de bombas, to-

## Uma velha questão

O Estado vai pagar a Carlos Pereira 1240 contos e a água continuará a ser fornecida por conta gotas

Continua sem solução a velha questão das águas. Carlos Pereira, a pesar de ameaçado pela Câmara Municipal de Lisboa de ficar sem o monopólio odioso que dirige, ainda dá cartas.

Fartou-se de derramar lágrimas de crocodilo pela pobreza da Companhia e o Estado mandou pagar-lhe 1240 contos pelo excesso do consumo público de água em Lisboa. Carlos Pereira prometeu que faria obras desde que lhe pagassem e assim evitaria que a água faltasse no verão. O decreto que manda entregar à Companhia das Águas os 1240 contos reza assim:

“Terminando no corrente ano o pagamento da importância de 1:240.060\$50 em que o Estado foi debitado, por resolução arbitral de 14 de Julho de 1900, pelo excesso do consumo público de água em Lisboa, Carlos Pereira promete que faria obras desde que lhe pagassem e assim evitaria que a água faltasse no verão. O decreto de 2.º artigo do artigo 1.º do decreto-lei n.º 12.740, de 20 de Novembro de 1926, decretar, para valer como lei, que no organismo do Ministério do Comércio e Comunicações em vigor para o corrente ano económico seja transferida a quantia de 60\$50 do artigo 119.º, ‘Encargos não previstos nas dotações dos diversos serviços’ (rubrica ‘Encargos de sindicâncias e outras despesas imprevistas’), do capítulo 11.º, para o artigo 10.º, ‘Companhia das Águas de Lisboa’, do capítulo 2.º.

Escusado será dizer que a água faltará no estio porque Carlos Pereira não mandará fazer as obras.

Assim como também nos parece que o contrato para o fornecimento de água à capital será rescindido. As coisas correm, pelo menos, a mil maravilhas para o sínistro ditador.

## A cultura do proletariado

O operário português é pouco letrado, na sua maioria não sabe ler, mas a pouca dedicação para a leitura muito contribui para aumentar o número dos que não conhecem o alfabeto.

Este abandono a que os operários portugueses votam as poucas letras que aprendem, na infância, outros na adolescência, é-lhes altamente prejudicial. Não faz mal que se imitem os bons exemplos e neste caso da cultura os operários portugueses, sobretudo os que vivem o movimento sindical, devem imitar os camaradas dos outros países, tanto da Europa como das Américas.

Sabe-se que nesses países o operário tem uma grande dedicação pelas letras. Em Espanha, por exemplo, nota-se é facto da maneira admirável, pois, a pesar da censura, faz-se uma larga publicação de obras revolucionárias sob o aspecto científico ou literário, da autoria de camaradas e literatos dos países ou do estrangeiro. Trabalhos dedicados à criação dum largo cultivo entre os trabalhadores no sentido de formar consciências revolucionárias que dão ao movimento operário e revolucionário a capacidade de que carece para a consecução dos seus fins.

Algumas dessas obras existem à venda na administração da Batalha, como se pode ver nos nossos anúncios da secção de literatura.

Muitos destes trabalhos podem e devem ser traduzidos, para o que basta desenhar-se no nosso meio operário e revolucionário o interesse pela leitura e, neste caso, o desejo dum superior educação. É necessário, pois, que o operariado português e de todos os outros países: ler muito para se instruir e educar, valorizando assim o nosso movimento social.

## UM PROTESTO DOS ESTUDANTES

### No Liceu de Camões

esboçou-se ontem um conflito por causa do amento das propinas

Os estudantes do liceu estão novamente descontentes. O ministro da Instrução elevou o dóbro o custo das propinas, o que determinou o protesto ontem levado a efeito pelos rapazes dos liceus.

Junto ao Liceu de Camões reuniram-se os alunos a fim de decidirem a sua atitude a tomar em face do aumento do custo das propinas. Resoluevam-se que se afirmasse, numa representação a entregar ao sr. dr. Alfredo de Magalhães, a discordância dos estudantes com a nova taxa das propinas e que se reclamasse a sua diminuição.

E vai se não quando surgir uma força da guarda republicana, reclamada pelo reitor do liceu, dr. Claro da Riva, que dispersou os manifestantes. Houve correrias, quedas e sustos e os académicos mais timoratos voltaram às aulas que, por todos estes motivos, foram pouco concorridas.

O alunos de outros liceus, embora não dessem aspecto de conflito, manifestaram-se também contra o decreto do ministro da Instrução, pois julgam exagerado o aumento sofrido. Há uma classe, a sexta, em que o prego das propinas por trimestre foi elevado de 70\$00 para 143\$00.

Deputados em greve da fome

VILNA, 27. - Os deputados e russos brancos ultimamente presos por conspirarem contra a segurança do Estado, estão fazendo a greve da fome. - (L)

A população foge em massa, foge para evitar a morte prematura, foge para que a morte não atire para o cemitério.

EM SINTRA

## TEATRO NACIONAL

Telefone N. 3049

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha  
HOJE - às 21,15 - HOJE  
ÚLTIMA representação da peça  
do dr. RAMADA CURTO

## JUSTIÇA!...

SABADO, 29. - 1.ª representação  
da comédia-farce  
O Maluco das Avenidas  
Novas  
Protagonista ALVES DA CUNHA

## O tipo único de pão

Foi entregue ao ministro da Agricultura uma representação dos operários manipuladores sobre o assunto

O regime de tipo único de pão, que deve principiar a vigorar em 1 de Fevereiro, desagrado em parte aos manipuladores de pão. Em duas assembleias o assunto vem sendo tratado, como se poderá verificar pelos seus relatos, e ao ministro da Agricultura foi entrem entregue uma representação destes trabalhadores, da qual extraimos os trechos que abaixo se lêem, e que constância os desejos da classe:

"Vimos junto de V. Ex.º, para lhe dar conhecimento de que a classe dos operários manipuladores de pão de Lisboa, reunida na sua associação, em assembleia geral, para apreciação do decreto, publicado por V. Ex.º, que estabelece o pão de tipo único em todo o país, tendo em vista que a esta classe está confiada a manipulação do principal alimento do povo, apoiamo, como não podia deixar de ser, a iniciativa de V. Ex.º, e o seu propósito de igualar as classes produtoras com as patronais, nas responsabilidades. Necessário é, porém, que, para bem se respeitar a lei, se comece por cumprir a parte do decreto que se refere à qualidade de farinha, se proíba o uso das peneiras nas padarias, para evitar que se aproveite a farinha que cai ao chão e se contamina, e que sejam também fiscalizados os Hoteis e Restaurantes de forma a evitar que estes sirvam aos comensais pão especial, fabricado nas padarias, que têm fornos próprios e podem, nos termos da lei, adquirir farinha fina, vendendo o tal pão especial clandestinamente e por alto preço, como já sucedeu em outro tempo, quando vigorou o pão de tipo único.

Numa altura em que nada justifica uma baixa de salários, depois de já por duas vezes, num só ano, terem sido diminuídos, porquanto os gêneros de primeira necessidade têm encarecido de preço, os operários manipuladores de pão, e com elas todo o pessoal de padarias, não aceitam seja a que título for, qualquer redução de salário, repudiando assim, energeticamente, a baixa de 20 por cento que os patrões pretendem fazer.

Quanto ao cartão, exigido ao vendedor, para que só possa fornecer-se de uma padaria, é, sr. ministro, uma outra exigência que só favorece o industrial. Este, certo de que o vendedor não pode fornecer-se de outro estabelecimento, obriga-o a aceitar o pão como o fabrilico, com mais ou menos peso, de boa ou má qualidade. Depois, vem a multa para o vendedor.

Um outro ponto pedimos licença para abordar. Os operários manipuladores de pão desejam e pedem o estabelecimento do trabalho diurno nas padarias, que muito bem se harmoniza com o fabrilico do tipo único de pão.

A assembleia de ontem dos Manipuladores de Pão para apreciarem o decreto sobre o regime de tipo único.

A sessão, que foi aberta às 11 horas, encerrou os seus trabalhos às 21 horas, tendo durante esse longo espaço de tempo a classe aguardado o regresso da comissão que foi junto do ministro da Agricultura tratar das reclamações da classe.

Esta comissão, devido à ausência do ministro, foi recebida pelo chefe de gabinete que lhe declarou que só depois de uma conferência com o director geral da Boisa Agrícola poderia dar uma resposta concreta as reclamações dos manipuladores, contidas na representação que acima transcrevemos.

A comissão volta hoje àquele ministério, pelas 15 horas, para conferenciar com o ministro.

No próximo domingo, às 17 horas, reúne-se a assembleia magna da classe para tomar conhecimento das «demarches» realizadas.

## A assembleia de ontem dos Manipuladores de Pão

Volto ontem a reunir, com grande concorrência, a assembleia dos Manipuladores de Pão para apreciarem o decreto sobre o regime de tipo único.

A sessão, que foi aberta às 11 horas, encerrou os seus trabalhos às 21 horas, tendo durante esse longo espaço de tempo a classe aguardado o regresso da comissão que foi junto do ministro da Agricultura tratar das reclamações da classe.

Esta comissão, devido à ausência do ministro, foi recebida pelo chefe de gabinete que lhe declarou que só depois de uma conferência com o director geral da Boisa Agrícola poderia dar uma resposta concreta as reclamações dos manipuladores, contidas na representação que acima transcrevemos.

A comissão volta hoje àquele ministério, pelas 15 horas, para conferenciar com o ministro.

No próximo domingo, às 17 horas, reúne-se a assembleia magna da classe para tomar conhecimento das «demarches» realizadas.

## PROPAGANDA SINDICAL

## Uma sessão em Alhandra

ALHANDRA, 23 - Realizou-se na sede da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra uma sessão de propaganda da Confederação Marítima, promovida pela Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais.

Presidiu Manuel Pinheiro, secretariado pelo sr. José Bacatume e Joaquim Pava. Fizeram uso da palavra Manuel Rodrigues, José Carvalhal e José de Sousa que se reportaram aos motivos da sessão, tendo o último dos oradores exprobado com velejidade a indiferença do operário da Almada pelo seu sindicato.

Em breve vai ser organizada a Associação Marítima desta localidade. - C.

## La verdad sobre Jesus por HAN RYNER

Conferência - controvérsia, realizada em 31 de Março de 1926, no Grande Salão das Sociétés Savantes de Paris. - Tradução espanhola de Eloyz com um desenho da capa de Shum. - Preço 1\$00. - A. Venda na administração de A Batalha.

## IMPRENSA O Debate

Sai amanhã, 29, o primeiro número dum diário de informação intitulado «O Debate» sob a direcção do engenheiro sr. José Fernando de Sousa.

## Teatro Apolo

Telef. 3019 N.  
Companhia Almeida Cruz  
HOJE e todas as noites  
2 sessões às 8,30 e 10,30  
com a espirituosa opereta

## MOURARIA

em 3 actos, original de Lino Ferreira, S. Tavares e L. Lauar, musicada pelo maestro Felipe Duarte.

Protagonista: Adelina Fernandes

## PREÇOS POPULARÍSSIMOS

Camarotes, 35000; 20\$00; 10\$00. Fau-  
teuils, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.

Geral, 2\$00

## Notas várias da Lisboa triste

Colhido por uma carroça

Na sala de observações do hospital de São José deu entrada Demétrio Paulino Júnior, de 31 anos, natural e residente em Louzã de Cima, Loures, negociante, que, em Freixieira, caiu de uma camionete, sendo na ocasião da queda colhido por uma carroça e ficando com ambas as pernas fracturadas.

## Queda desastrosa

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado, e recolheu a casa, Manuel Rodrigues Pereira, de 20 anos, natural de Lisboa, descarregador e residente na rua do Vale de Santo António, 210, 2.º E., que caiu na estação de Alcântara-Terra fracturando o maxilar inferior.

## Na Manutenção Militar

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José recolheu António Henrique, de 55 anos, natural de Arganil, servente de pedreiro, travessa da Horta Navia, 20, 1.º, que caiu na Manutenção Militar, ficando muito contuso pelo corpo.

## Ascenção fatal

A enfermaria de São Francisco do hospital de São José recolheu António Dionísio, de 28 anos, trabalhador, natural do Cacavil, residente na rua de Artilharia 1, 31, 2.º, que caiu do elevador da altura do 1.º andar, na Cooperativa Militar, na rua Alves Correia, ficando contuso no torax.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Amboim» são hoje expeditas malas postais para a África Oriental, Bissau e Bolama, e pelo paquete «Águia» para Las Palmas, Madeira e por via Funchal para a África Austral, Cap-Town, Elsabéte (ville) e África Oriental.

Da Estação Central dos Correios as últimas tiragens de correspondências ordinárias são respectivamente às 12 e 13 horas, recorrendo-se para registrar também respectivamente às 10 e 11 horas.

## Povo liberal

Um grupo de republicanos pede-nos a publicação do seguinte:

«Em 31 de Janeiro, data precursora do regime republicano e de desafronta contra a opressão estrangeira, vai prestar-se homenagem a Augusto José Vieira, um dos mais fortes espíritos que combateu o clericalismo. Pelas 14 horas, desse dia vai a Associação do Registo Civil em jornada liberal até junto da campa daquele que foi o maior inimigo da seita negra e o maior defensor da liberdade do pensamento.

Fazemos, pelo número e pela ordem, essa jornada grandiosa e memorável! Intelectuais, acompanhámos o povo nesse dever cívico, mostrando que tendes amor à causa pública e que vos interessam os movimentos populares. Trabalhadores, uní-vos na vossa grande força e mostrai gratidão por aquele que sempre na primeira linha do combate, com sacrifício da própria vida, lutou pelas vossas reivindicações sociais.

Seja este o primeiro movimento liberal contra a ação jesuítica que envilece e perverte a família portuguesa.

## OS QUE MORREM

António da Silva Martins

A Comissão Administrativa do Sindicato do Pessoal de Gármara da Marinha Mercante Portuguesa, convida todos os componentes da Classe, embarcados ou não, a tomarem parte no funeral do seu ex-conselheiro António da Silva Martins, que se realiza hoje, pelas 15 horas, saindo da rua D. Mamede Monteiro, 116.

## Francisco Dorna

Vitimado por uma lesão cardíaca, faleceu ontem de manhã, na casa da sua residência, rua de Santo António à Estrela, 3, o sr. Francisco Dorna, chefe de fundição da Imprensa Nacional, aposentado.

O extinto, que contava 61 anos, era muito estimado por todos que com ele privaram, deixando viúva a sr. D. Rita de Jesus Dorna, e era pai dos sr. Eduardo e Francisco Dorna, Mário Francisco Dorna e Francisco Dorna.

O funeral realiza-se hoje, pelas 14 horas, para o cemitério da Ajuda.

## Na Morgue deram ontem entrada Germana da Conceição, 52 anos, rua Júlio Deodós, que foi colhida pelo combóio na Azenha da Torre, no Régio, e Maria da Piedade, 17 anos, que faleceu sem assistência no Casal Ventoso de Cima.

## Francisco Dorna

Vitimado por uma lesão cardíaca, faleceu ontem de manhã, na casa da sua residência, rua de Santo António à Estrela, 3, o sr. Francisco Dorna, chefe de fundição da Imprensa Nacional, aposentado.

O extinto, que contava 61 anos, era muito estimado por todos que com ele privaram, deixando viúva a sr. D. Rita de Jesus Dorna, e era pai dos sr. Eduardo e Francisco Dorna, Mário Francisco Dorna e Francisco Dorna.

O funeral realiza-se hoje, pelas 14 horas, para o cemitério da Ajuda.

## Movimento Juvenil

## Aula de militantes e de educação

máxima

Realizou-se ontem mais uma lição na aula que o Núcleo de Lisboa vem mantendo no intuito de contribuir para que a mocidade se edgue e possa contribuir para o advento dumha sociedade igualitária.

Na reunião de ontem, que estava bastante concorrida tanto por militantes da organização operária como pela mocidade, foi bastante debatido o tema «Os três sindicatos, Reformista, Marxista e Revolucionário».

Devido ao adiantado da hora ficou para continuar na próxima aula, ficando inscritos numerosos camaradas.

## Teatro da Trindade

TELEF. T. 976  
Companhia Lucília Simões-Erício Braga  
HOJE, às 14 da noite, em ponto  
Representação da peça em 3 actos e 4 quadros de Victor Marguerite, trad. de Pereira Coelho e Mário Sequeira:

## A GARCONNE (LA GARÇONNE)

Monica Iervier, LUCÍLIA SIMÕES-Erício Braga  
Nós outros papéis: Amelia Pereira, Palmira Torres, Maria Cunha, Júlia, Maria da Cunha de Almeida, Joaquim Almada, Samwel Díaz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERÍCO BRAGA.

## A Canção das Montanhas

pelo barítono Edmundo Ribeiro

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há inter-  
valo. - Encenação da prof. Lucinda Simões.

Do

## MARCO POSTAL

**Relíquias.** — *Porvir Marques.* — Recebe-  
mos 750 para pagamento da assinatura de  
seu pai referente ao corrente mês. Daremos  
cumprimento ao que nos diz na sua carta.

**Coimbra.** — *Roberto das Neves.* — A tua  
encomenda é de 50\$00. O recibo está em  
nossa poder.

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	
Madrid cheque	325	
Paris, cheque	578	
Suica	3575	
Bruxelas cheque	2573	
New-York	1958	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque	85	
Brasil	2532	
Praga	585	
Suécia, cheque	524	
Austria, cheque	2577	
Berlim	465	

## Espectáculos de hoje

## TEATROS

**Teatro S. Carlos** — A's 21 — «A mu-  
lher».

**Teatro Nacional** — A's 21,15 — «Justiça!»

**Teatro S. Luís** — A's 21 — «La Pelerine

écosas».

**Teatro da Trindade** — A's 21,15 — «A

Gargonne».

**Teatro do Gimnásio** — A's 21 — «E'

preciso viver».

**Teatro Apolo** — A's 20,30 e 22,30 —

— «Mouraria».

**Teatro Avenida** — A's 21,30 — «O Pé

de Salsa».

**Teatro Variedades** — A's 8,30 e 10,30

— «O Inferno».

**Eden-Teatro** — 20,30 e 22,30 — «Sempre

fixe».

**Coliseu dos Recreios** — A's 21 — «Com-

panhia de Circo».

**Teatro São João** — A's 21 — «Varieda-

des».

**Teatro Joaquim d'Almeida** — A's 20

e 21 — «Cinema e variedades».

## CINEMAS

**Tivoli** — Todas as noites animatógrafo.

**Salão Olímpia** — Todos os dias das

2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões

consecutivas de animatógrafo e concerto

musical. — Rua dos Condes.

**Jardim Zoológico** — Exposição de ani-

mais.

**Policlínica da Rua do Ouro**

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

**Medicina, cirurgia e pulmões** — Dr. Armando Nar-

caso — A's 6 horas. — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.

**Cirurgia, ósas urinárias** — Dr. Miguel Magalhães — 10

horas.

**Pé e estílios** — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12

horas.

**Doenças nervosas, electroterapia** — Dr. R. Loff —

2 horas.

**Doenças dos olhos** — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

**Curgântia, nariz e ouvidos** — Dr. Mário Oliveira —

1 hora.

**Estomago e intestinos** — Dr. Mendes Belo — 5,15

horas.

**Doenças das senhoras** — Dr. Emílio Palha — 2 horas.

**Doenças das crianças** — Dr. Filipe Mano — 12 horas.

**Tratamento de diabetes** — Dr. Ernesto Roma —

3 horas.

**Dentes** — Dr. Armando Lima — 10 horas.

**Centro e rádio** — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

**Reino X** — Dr. Almeida Saldanha — 4 horas.

**Anestesia** — Dr. Gabriel Beato — 4 horas.

## A GRANDE BAIXA

## DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%  
NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

**Salões para senhoras** — 2500

**Salões para homens** — 2500

**Botas pretas (única saída)** — 4800

**Estojo brancas (saída)** — 2800

**Grande saldo de botas pretas** — 5850

**Estojo de couro para homens** — 4600

**Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a sua casa.**

**Ver bem poiso lá encontra boas bairas,**

**A Social Operaria das Cavalarias** — 18-20, com final na mesma rua, n.º 45.

**"Educación Social"**

Revista de pedagogia e sociologia

Diretoria pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicado mensal

Assinatura: an. 30\$00; semestre 15\$00.

Número avulso 3500.

Redacção e administração — Empresa Lite-

rária Fluminense, L. M. — R. dos Re-

trozeiros, 125 — LISBOA.

A venda na administração de A

Batalha.

Companhia dos Caminhos de Ferro  
Portugueses

Sociedade Anónima. — Estatutos de 30 de

Novembro de 1894

## Exploração

## AVISO

Tendo sido anulado o concurso para a  
venda de água, frutas, doces e tabacos du-

riente o ano de 1927, na estação de Campo-  
lide, anunciado por Aviso de 1 de Novem-  
bro de 1926, faz-se público de que até 31

do corrente mês de Janeiro, pelas 13 horas, esta  
Companhia receberá para a referida  
venda naquela estação novas propostas, em

carta fechada, dirigidas ao Engenheiro Chefe

da Exploração, em Lisboa — Santa Apolónia.

São prevenidos os proponentes de que:

1.º No envólucro das propostas, além do

endeçado, deverá incisar-se o seguinte:

«Proposta para a venda de água, frutas,

doces e tabacos, na estação de Campolide».

2.º As propostas deverão estipular clara-

mente o preço fixo para a venda até 31 de

Dezembro de 1927, considerando-se nulas e

de efeito só aquelas que se apresentarem fóra

destas condições.

3.º A adjudicação será feita a quem maiores

garantias ofereça à Companhia, inde-

pendentemente do preço oferecido, reser-

vando-se igualmente o direito de proceder

a licitação verbal entre todos ou apenas os

concorrentes que entenda, no caso de lhe

não satisfazerem as propostas recebidas.

4.º As demais condições estão patentes na

Secretaria da Exploração, em Lisboa e na

estação de Campolide.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1927.

Pelo Director Geral da Companhia — Lima

Henriques.

## MATERIAL E TRACÇÃO

## Serviço de Armazens

Fornece de 10.000 quilos de estanho

em lingotes de 1.ª qualidade

No dia 1 de Fevereiro, pelas 10,30 horas, na

estação central de Lisboa (Rossio), per-

ante a Comissão Executiva desta Compa-

nhia, serão abertas as propostas recebidas

para o fornecimento de 10.000 quilos de es-

tanho em lingotes de 1.ª qualidade.

As condições estão patentes, em Lisboa,

na repartição central do Serviço dos Arma-

zens da Divisão do Material e Tracção (edi-

fício da estação de Santa Apolónia) todos

os dias úteis das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar

deve ser feito até às 12 horas precisas

do dia do concurso, servindo de regulador

o relógio externo da estação do Rossio.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1927.

O Director Geral da Companhia — (a)

Ferreira de Mesquita.

## FATOS

A 220\$00 feitos por medida em boas

casemiras. Recebem-se fatos a feito e

forros por 120\$00. — ALFAIAIRIA

DIAS, 84, rua D. Pedro V, 55

Tabacaria e Kiosque

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos,

molas e pedras, a preços resumidos.

## Pedidos a

## FRANCISCO LATTA

# A BATALHA

## QUESTÕES OPERÁRIAS

### As finalidades do Sindicato

Mequinha seria a finalidade do Sindicato se ele apenas procurasse melhorias parciais e imediatas, muito embora elas fossem adquirindo um caráter de exigência cada vez mais crescente.

O proletariado não deve esquecer que o sistema capitalístico de produção está organizado de modo que, colocado na aperada contingência de ter de conceder alguma coisa, dá com a mão direita, fingindo complacência, o que por outros meios a mão esquerda logo tira, com avareza. Os exemplos são muitos. O reformismo econômico da burguesia é sempre assim: por um lado, um simulacro de caridade; por outro, uma real exploração.

Um aumento de salários, um gasto qualquer a que um patrão se veja obrigado por causa de uma reivindicação operária, pode carregar-se facilmente sobre o preço dos produtos. Mesmo sem essa exigência operária, o preço dos produtos sobe de maneira assombrosa, a ponto de escandalizar os próprios órgãos defensores da burguesia.

—A vida encarece cada vez mais, enquanto os salários e ordenados diminuem— confessam eles. E se este fenômeno se dá agora, quando as reivindicações do proletariado não perturbam profundamente o funcionamento da economia burguesa, porque se limitam a diminutíssimos aumentos nos salários ou a insignificantes reduções nos horários, que irá suceder no dia em que a consciência da classe operária se não contente com tão pouco? O sinal de troca facilita à burguesia este escamoteio. Se ao operário se lhe pagasse o seu dia de trabalho em gêneros, todo o aumento de valor da força de trabalho seria realmente positivo. O operário teria maior quantidade de pão, de fato e de calçado, etc. Mas que pode ele agora contra o vendedor que aumenta o preço dos produtos, sobretudo os de primeira necessidade, logo que o patrão aumenta o salário aos seus operários?

Todas as campanhas jornalísticas burguesas e operárias se têm tornado estéreis

perante esta avareza patronal e comercial.

O fenômeno não é imediatamente visível para o operário, quando decorre um período de tempo mais ou menos curto entre o aumento de salário e o aumento de preço dos produtos. Neste caso, a melhoria é transitória e anula-se de todo, se esse aumento de preço dos produtos foi rigorosamente proporcional ao aumento de salário. Mas até pode ser prejudicial ao proletariado, e de facto assim costuma suceder sempre, desde que o burguês entenda que deve sempre lucrar com o caso, para se consolar assim de haver tido a necessidade de recorrer àquele escamoteio.

Igualmente os efeitos econômicos tem a redução

do horário, apenas com a diferença de, neste caso, o operário evitar um pouco da fadiga diária, vendendo-se o patrão obrigado a aumentar o número de operários para ter uma produção igual à anterior. Contribui também para mitigar os desastrosos efeitos dos maquinismos, cuja laboração dispensa muitos braços. Só este aspecto, a melhoria é positiva.

O sistema capitalístico de produção tem

o operário encerrado em um círculo de ferro. Portanto, se o proletariado tivesse

apenas a aspiração de obter as pequenas

melhorias econômicas do presente — me

lharias não desprezáveis, embora transitó

rias — a sua luta seria um contínuo tecer e

destecer. O reformismo, puro e simples,

seria completamente infrutífero para fazer

o proletariado do seu estadio de depen

dência.

A luta, em prol de melhorias parciais e

imediatas, tem outras consequências longín

quas. O operário habita-se a ver, a com

preender, a convencer-se de que a sua

escravidão econômica só pode ter fim com

a supressão do Capitalismo e das suas ins

tituições defensivas — e o desejo de supri

mir todo isso arreiga-se-lhe cada vez mais

no espírito. De passo, torna-se ativo. A

consciência de classe abre caminho. A luta

pelos seus direitos torna-se mais intensa,

Dantes, contentava-se com cinco ou seis

tostões por dia. Depois, pediria, exigiria

sete, oito, nove e sempre mais. Dantes tra

balhava quatorze horas. Depois, não quer

ia trabalhar mais de oito, sete ou menos

ainda. Dantes era tratado a pontapés. De

pois, far-se-há respeitar e elevará a cabeça

mais alto do que o patrão. As suas reivin

dações terão impresso o sello da digni

dade e da justiça. Irão mais alto e mais

longe, porque o operário verá melhor então

o fundo das coisas e dos fenômenos sociais.

Verá que é inevitável uma transformação

total da sociedade — acostumar-se há a essa

ideia.

O burguês, por seu lado, não está tran

quilo. Vê que lhe foge o escravo. Não pode

manter-lhe já a seu bel-prazer. Tem de des

cer a discutir com ele, tem de ceder muitas

vezes diante dele. A's duas por três, a eco

nomia burguesa do patrão desequilibra-se.

Por exemplo: uma greve dos trabalhadores

das culturas de algodão nos Estados Unidos

influi sobre o mercado da Europa, fa

variar os preços e os círculos do comerciante.

O Capitalismo vê-se obrigado a fa

zer frente a duas coisas: dominar a rebeldia

do assalariado e restabelecer o equilíbrio

da sua economia, continuamente alterado

pelas petições e reclamações operárias.

Estas irão constituir uma verdadeira ava

lanche. E chegará um momento em que a

economia do Trabalho se tornará in

compatível com a economia burguesa.

O proletariado há de querer o máximo

dos benefícios da produção. A burguesia já

não poderá servir-se das suas eternas pro

messas, porque a massa operária não que

rerá esperar mais. E, então, de duas um:

ou o Capitalismo esticará mais a corda para

que mais depressa estale, ou cederá de bo

amente. E com toda a certeza optará pela

primeira solução. O seu orgulho de classe

superior cegará a burguesia. Não saberá ver

que a evolução da classe operária terá su

perado a das classes burguesas. E a Revo

lução estará prestes, porque já previamente

se fez nos costumes, nos espíritos e na eco

nomia.

José PRAT.

## FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Fimma Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

## ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

### A situação do império britânico começa a ser crítica em terras chinesas

A Inglaterra mantém-se em desvantajosa situação na China. As potências vão abandonando à sua sorte o grande império, cujas esquadras não terão força para resguardar o prestígio do seu poder entre os povos orientais submetidos ao jugo estrangeiro.

O Japão e os Estados Unidos são os principais competidores do império britânico na conquista da hegemonia mundial. Com qualquer destes grandes estados imperialistas não pode contar a Inglaterra e o concurso das outras potências, além de não estar seguro, não lhe serviria de muito proveito. A Bélgica abandonou o terreno e a França limita-se a esperar...

O Japão procura tirar partido das suas vantagens naturais. A sua posição geográfica é uma arma excelente, tendo os mercados chineses à porta. A população cresce progressivamente, podendo favorecer a emigração para o território chinês e, assim, com a fundação de vários e numerosos interesses, ganhar predominância comercial e industrial, sem que a feição política da China possa influir muito. Com a sua fácil e rápida influência, o Japão ganha vantagens econômicas e financeiras que diminuirão a força e o prestígio dos seus concorrentes. Além disso, o poder militar japonês — uma reforçada marinha de guerra e um exército numeroso — garante àquele império a defesa da supremacia que venha a conquistar na China.

Actualmente, o Japão ocupa militarmente a Manchúria, possuindo uma formidável base de Porto-Artur e domina absolutamente na Coréia. Digamos, ao correr desta exposição, que a intervenção militar da Rússia contra os generais conservadores chineses não é causa muito provável. O Japão vigia ferozmente a Manchúria e a diplomacia soviética quer a guerra, mas quer que as grandes potências a provoquem com inteira responsabilidade.

Confido nas suas naturais vantagens, o império japonês desinteressou-se da revolução nacionalista que progride na China. Assim, o Japão decidiu respeitar a integridade nacional da China evitando intervenções armadas nas guerras civis; promovendo a aproximação das duas nações; apoiar os justas aspirações do povo chinês; conservar uma atitude de expectante neutralidade — paciência e tolerância — em face da situação.

Em troca, o Japão apenas pretende defender, sem agredir, os seus interesses na China. A opinião japonesa — que no mundo do capitalismo e do imperialismo é sempre formata na imprensa e nos círculos políticos — afirma que se tornaria inútil qualquer tentativa de intervenção. E o Japão, no seu desinteresse, procura ir mais longe: ele quer o medianeiro entre as potências e a China. A retirada do Japão, depois da Bélgica, pouco antes da França, coloca a Inglaterra numa situação já crítica.

Os Estados Unidos não vêm grandes

probabilidades na luta e preparam-se para

non perder a supremacia do Pacífico e

ganham pacificamente vantagens econô

micas e financeiras na "próxima" China.

A Rússia não altera a sua fisionomia senão para soprar com exportações de armas o nacionalismo irredutível; mas por ansiar

uma queda do seu poderoso rival do Ocidente, e a China seria um contínuo tecer e destecer. O reformismo, puro e simples,

seria completamente infrutífero para fazer

o proletariado do seu estadio de depend

dência.

Igualmente os efeitos econômicos tem a redução

do horário, apenas com a diferença de, neste caso, o operário evitar um pouco da fadiga diária, vendendo-se o patrão obrigado a aumentar o número de operários para ter

uma produção igual à anterior. Contribui

também para mitigar os desastrosos efeitos

dos maquinismos, cuja laboração dispensa

muitos braços. Só este aspecto, a melho

ria é positiva.

O sistema capitalístico de produção tem

o operário encerrado em um círculo de ferro. Portanto, se o proletariado tivesse

apenas a aspiração de obter as pequenas

melhorias econômicas do presente — me

lharias não desprezáveis, embora transitó

rias — a sua luta seria um contínuo tecer e

destecer. O reformismo, puro e simples,

seria completamente infrutífero para fazer

o proletariado do seu estadio de depen

dência.

A luta, em prol de melhorias parciais e

imediatas, tem outras consequências longín

quas. O operário habita-se a ver, a com

preender, a convencer-se de que a sua

escravidão econômica só pode ter fim com

a supressão do Capitalismo e das suas ins

tituições defensivas — e o desejo de supri

mir todo isso arreiga-se-lhe cada vez mais

no espírito. De passo, torna-se ativo. A

consciência de classe abre caminho. A luta

pelos seus direitos torna-se mais intensa,

Dantes, contentava-se com cinco ou seis

tostões por dia. Depois, pediria, exigiria

sete, oito, nove e sempre mais. Dantes tra

balhava quatorze horas. Depois, não quer

ia trabalhar mais de oito, sete ou menos

ainda. Dantes era tratado a pontapés. De

pois, far-se-há respeitar e elevará a cabeça

mais alto do que o patrão. As suas reivin

dações terão impresso o sello da digni